

# Editorial

## Literatura Brasileira: Prismas

A revista *O Eixo e a Roda* oferece aos leitores o seu segundo número deste ano. O volume reúne contribuições, na área dos estudos de literatura brasileira, de pesquisadores de diversas instituições, sem um centro temático específico, posto que o número é de Temática Livre. A diversidade das origens dos textos espelha também, ainda que em outro plano, a diversidade dos objetos de estudo, dos temas e dos métodos de leitura postos em circulação pelos artigos que compõem esta edição. A convivência de pesquisas sobre a literatura brasileira do século XIX, ou de períodos anteriores, com estudos sobre a produção do Modernismo e com leituras de livros recém publicados, além de trabalhos construídos em torno a uma multiplicidade de formas, linguagens e mídias, dá a *O Eixo e a Roda* a dimensão aberta e plural que caracteriza a revista desde os seus primeiros números, publicados décadas atrás, e faz com que a própria ideia da literatura brasileira que se depreende de suas páginas não esteja atada a concepções teóricas ou marcos historiográficos fixos, fechados sobre si, mas que o entendimento da questão possa mover-se e desdobrar-se com a dinamicidade que a experimentação criativa e o pensamento crítico que vem sendo elaborado no país demandam.

O presente número apresenta, nesse sentido, um espectro amplo e multifacetado de olhares sobre a literatura brasileira, num conjunto de textos que passamos a apresentar brevemente. Em “O basofórmio e o bombardeio”, Marcos Vinícius Teixeira lê política e historicamente o romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, situando-o diante dos dramáticos acontecimentos da Revolução de 1930 no Brasil e os percalços da vida burguesa da população das grandes cidades do país naquele momento. Já em “Mário de Andrade e o sequestro da sexualidade”, Wagner de Avila Quevedo procura ler, a partir da correspondência desarquivada (melhor seria dizer, talvez, desocultada) do autor de *Clã do Jabuti*, questões ligadas à vida subjetiva do autor, as configurações patriarcais e autoritárias da sociedade brasileira, bem



como os desdobramentos eróticos e homoeróticos na obra poética de Mário de Andrade. Ainda sobre o escritor paulista, em “A definição de poesia de Mário de Andrade”, Cristiane Rodrigues de Souza investiga como a leitura do pensador espanhol Miguel de Unamuno, feita por Mário, impactou a sua obra poética, sobretudo no que se refere ao discurso amoroso e à configuração do sujeito lírico, sua relação com a paisagem circundante.

“João Cabral de Melo Neto e a poética de Joaquim: notas a partir de ‘Paisagem com cupim’”, de João Guilherme Dayrell, aborda um dos poemas centrais de *Quaderna*, buscando observar como nele se desdobra o motivo da corrosão, tão caro ao escritor pernambucano e presente em vários momentos de sua obra, conforme a leitura de fundo comparatista proposta pelo pesquisador deixa ver. “Civilização cacauera: entre a fundação e os discursos de crítica”, de Rafael Guimarães Tavares Silva, procura pensar, sob outra chave teórica e em tensão com a historiografia tradicional, a produção narrativa ligada à região do cacau, reivindicando a dimensão crítica (social e ideológica) que se plasma, ao longo de todo o século XX, na obra de autores como Jorge Amado e Adonias Filho, entre outros, muitas vezes lidos apenas pela perspectiva do regionalismo. Ainda numa chave política e social, o artigo “As mulheres e seu corpo-território na paisagem literária de Lygia Fagundes Telles”, Marília Garcia Boldorini e Roberta Barros Meira procuram ler a obra da autora de *Ciranda de pedra* a partir do motivo da violência patriarcal e racial que, enraizadas na sociedade e na cultura brasileiras, vão determinar os modos de alienação e desumanização a que são submetidos os desfavorecidos, sobretudo as mulheres, personagens fundamentais do mundo ficcional de Fagundes Telles. Mais próximo de nós, o romance *Quarto aberto*, de Tobias Carvalho, é objeto do pesquisador Claudimar Pereira Silva, que aborda em seu artigo “Só garotos: notas sobre o romance *Quarto aberto*, de Tobias Carvalho”, as novas formas do desejo e dos afetos que vão surgindo com os algoritmos e *gadgets* que inundam (e às vezes transtornam) a vida contemporânea.

Também em torno do problema da alienação social, condicionado por razões sociais, raciais e de gênero, dois outros artigos mais. “Sonho e desilusão: posição do narrador contra a alienação em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*”, de Manoel Freire Rodrigues e José Lindomar Silva, procura articular o fracasso de uma vocação literária e os obstáculos impostos às inteligências e às sensibilidades que vêm dos extratos menos favorecidos da sociedade, sobretudo de homens negros, tema maiúsculo da obra ficcional de Lima Barreto. Em “A nação é um corpo de mulher: persistências e reelaborações do imago da mulher nativa na literatura brasileira”, Nadjara Martins e André Tessaro Pelinser buscam rastrear a representação das vidas e dos corpos de mulheres indígenas na literatura brasileira, num arco que se estende do último quarto do século XIX até a produção contemporânea, observando como eles sempre foram tomados, em chave alegórica, como símiles crípticos da nação.

Por fim, os artigos que fecham a presente edição vão discutir trabalhos que se deixam ler a partir das convenções de gêneros específicos: o folhetim e o espetáculo de *vaudeville*. Em “A ‘Exposição do centenário’ em microcosmo”, Danielle Crepaldi Carvalho recupera e analisa o *vaudeville* que encenava, nos termos do teatro de revista, a agitação produzida na cidade do Rio de Janeiro em torno das comemorações, em 1922 (ano em que tem lugar o espetáculo), do centenário da independência do país – evento de grandes proporções que recebe, na peça, tratamento crítico e humorístico afinados com a sensibilidade irreverente da modernidade que naquele momento se afirmava na cultura brasileira. Em “Scenas da seca, de 1878: o folhetim desaparecido de Rodolfo Teófilo”, Atílio Bergamini Junior defende a hipótese de que os capítulos soltos que sobreviveram desse folhetim são de autoria do romancista

Rodolfo Teófilo, um dos escritores mais conhecidos do período naturalista no Brasil. Por meio de pesquisa de arquivos e demais fontes documentais, o pesquisador da UFC assevera que os trechos do folhetim mantêm estreita conexão com o romance “A fome: cenas da seca no Ceará”, o que ficaria patente a partir de análise comparada dos dois trabalhos, que revelam continuidade temática e pontos de contato estilísticos.

Gostaríamos de agradecer às autoras e aos autores pelo envio de seus artigos para *O Eixo e a Roda* e agradecemos também, de modo particular, aos muitos colegas da área, professores e pesquisadores, que formam o corpo de pareceristas da revista, cujo esforço e desprendimento faz com que o trabalho de edição do periódico seja possível.

Boa leitura.

*Julho de 2024*

Gustavo Silveira Ribeiro  
(UFMG)  
Editor